

# Prólogo – o grito que saiu pelo qr code

SAMUEL BARRETO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Era só pagar um café.

O barista sorriu. O recibo me matou um pouquinho por dentro.

Eu pensava que já tinha vencido essa parte.

Nada épico, nada político — só um café simples, pago com o celular que vibra, faz *plim* e confirma: Transferência realizada com sucesso.

Mas o sucesso durou meio segundo.

Na tela, o nome que apareceu não era o meu. Era o outro.

O nome que já devia ter ficado no passado, junto com tudo o que tentaram impor sobre quem eu sou.

E o mais absurdo: essa conta nunca o conheceu.

Abri a conta depois de retificar todos os meus documentos. RG novo, CPF novo, nome novo — tudo regularizado, autenticado, carimbado.

Você sabe que os números não mudam, né? Só o prenome.

O banco me recebeu assim: completo.

E, mesmo assim, o sistema conseguiu me matar — no comprovante de PIX.

Não houve conversa, nem protocolo de atendimento, nem promessa de 48 horas para atualização.

Eu fui direto para a advogada.

Porque, quando você nasce tendo que provar quem é, aprende rápido a diferença entre diálogo e desgaste. E porque certas violências não pedem conversa — pedem petição inicial.

O processo começou com aquele contraste curioso: a advogada com pastas impecáveis, e eu tentando explicar como uma linha de texto num comprovante pode doer mais do que um extrato zerado.

Ela entendeu. Talvez não o peso completo, mas o suficiente para mover as engrenagens da Justiça.

# Prólogo – o grito que saiu pelo qr code

SAMUEL BARRETO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Enquanto isso, eu fiquei com a imagem presa na cabeça: um QR Code emitindo o grito que eu já não tinha forças pra soltar.

Um sistema inteiro que se recusa a reconhecer o que o Estado já reconheceu.

É cômico, se você tiver estômago.

E nesse momento descobri que o humor é o único jeito de não deixar a raiva apodrecer por dentro.

Hoje, toda vez que o PIX faz *plim*, ainda há um segundo de tensão — como quem espera um diagnóstico.

Não pelo valor, mas pelo nome.

Porque, no Brasil, até o comprovante de uma transação bancária pode decidir se você vive, ou se te matam de novo — digitalmente.

**Spoiler:** o sistema tem uma cópia do seu nome morto em backup.

**Obra em andamento:** Nome morto, PIX vivo. *A não ficção narrativa da transfobia sistêmica*

# Prólogo – o grito que saiu pelo qr code

SAMUEL BARRETO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

**Original recebido em: 18 de novembro de 2025**

**Aceito para publicação em: 20 de dezembro de 2025**